

A LINGUAGEM DOS PESCADORES DA RAPOSA, MARANHÃO: ASPECTOS LÉXICO-CULTURAIS

THE LANGUAGE OF THE FISHERMEN IN RAPOSA, MARANHÃO: LEXICAL-CULTURALASPECTS

Raquel Pires Costa*

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra**

Resumo: A comunidade de pescadores da Raposa está localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, e consiste principalmente de famílias de pescadores vindos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50. Procuramos, neste trabalho, observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com pesca retrata a realidade sociocultural deste grupo. Após análise dos dados, constatou-se que existe um vocabulário regional, em que as palavras relacionadas com a pesca têm destaque e são marcas evidentes da estrutura sociocultural da região do Ceará onde está Acaraú. Os resultados obtidos por nossa pesquisa mostrou aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do vocabulário relacionado à pesca para o município de Raposa.

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Raposa, Maranhão.

Abstract: The community of fishermen Raposa is located approximately 47 km from São Luís, Maranhão, and consists primarily of families of fishermen coming from Acaraú, Ceará, who migrated from their homeland in the 50s. We seek, in this paper, to observe to what extent the lexicon of a community that works with fishing portrays the socio-cultural reality of this group. After analyzing the data, it was found that there is a regional vocabulary in which words related to fishing have prominence and are evident marks of the socio-cultural structure of the region of Ceará where is Acaraú. The results obtained by our research showed historical, social and cultural aspects of the region, highlighting the importance of vocabulary related to fishing for the municipality of Raposa.

Keywords: Lexicon; Culture; Raposa; Maranhão.

Introdução

Por ser uma instituição social que veicula manifestações culturais, correntes ideológicas e formas de pensamento, a língua retrata a vida do povo de cada época e fornece elementos para a leitura da sociedade.

* Mestre em Estudos Linguísticos – UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Professora da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: raquel-pcosta@hotmail.com

** Orientadora da pesquisa. Profª. Dra do Programa Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. E-mail: seabra@netuno.lcc.ufmg.br

No Brasil, há diferentes regiões com características linguísticas peculiares, sobretudo no âmbito lexical: são inúmeras palavras e expressões que retratam o léxico de uma comunidade de fala, aqui entendida como uma comunidade cujos falantes compartilham entre si normas linguísticas e não-linguísticas.

A comunidade¹ de pescadores do município de Raposa, localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50.

O interesse em realizar um estudo no âmbito lexical no Maranhão consolidou-se quando da verificação de problemas de comunicação entre um grupo de pescadores da Raposa e um engenheiro de pesca.

Pudemos perceber que, além de haver um “fosso” entre os falares dos pescadores e dos engenheiros, há, também, uma distância entre as culturas: cultura do engenheiro (teórica) x pescador (prática); cultura do homem letrado x do não letrado, dificultando a comunicação, confirmando a assertiva de Preti (1997), de que há um “fosso” enorme entre os falares urbanos e rurais.

Vimos que os problemas de comunicação estão associados à incompreensão de itens lexicais, pois, enquanto os pescadores utilizam uma linguagem específica, o engenheiro faz uso de vocábulos característicos de uma linguagem técnica.

A partir dessa constatação, consolidou nosso interesse em realizar um estudo de âmbito lexical, nesta parte do litoral do estado do Maranhão. Depois de conhecer a história local e, também, os pescadores dessa região, inquietava-nos algumas questões:

- i) Há um léxico específico da comunidade de pescadores da Raposa, no qual são encontradas influências linguísticas dos falares maranhense e cearense?
- ii) Há unidades lexicais não dicionarizadas no linguajar dos pescadores da Raposa?
- iii) Há casos de manutenção linguística no léxico local?
- iv) O léxico da comunidade da Raposa tem marcas da estrutura sociocultural do povo nordestino?

¹ Embora a Raposa possua estatuto de município, nós nos reportaremos a ela neste trabalho como comunidade da Raposa, visto que o modo de organização local ainda é o de uma comunidade de pescadores.

A partir dessas questões, hipóteses foram levantadas e nosso trabalho teve, como objetivo, realizar o levantamento e descrição do léxico dos pescadores do município de Raposa, estado do Maranhão, buscando observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo.

A base empírica do presente estudo foi constituída por dez entrevistas orais, realizadas na Raposa, cujas transcrições se encontram em CD-Rom anexo a dissertação.

1. Referencial teórico

1.1 Linguagem e Cultura

Segundo Duranti (1997, p. 94), uma das afirmações que mais enfaticamente postulam que nosso modo de pensar o mundo está influenciado pela linguagem que usamos para nos comunicar se encontra no artigo de Sapir, datado de 1929:

É uma ilusão imaginar que nos adaptamos a realidade sem a utilização da linguagem, e que ela é um mero instrumento incidental de solucionar problemas determinados na comunicação ou reflexão. O fato é que o “mundo real” está em grande medida inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos de um grupo. Não há duas línguas que sejam bastante parecidas para que se considere que representam a mesma realidade social. Os mundos que habitam as diferentes sociedades são mundos diferentes, não um mesmo mundo com diferentes rótulos (DURANTI, 1997, p. 94).

Para Sapir (1969), a linguagem tem um papel ativo na construção da nossa imagem do mundo, a qual varia de acordo com o sistema linguístico empregado.

Essa idéia foi assimilada e desenvolvida dez anos mais tarde por Benjamin Whorf e denominada *princípio do relativismo lingüístico* (também conhecida como Hipótese Sapir-Whorf): é a língua de uma determinada comunidade que organiza sua cultura, isto é, a maneira como esse povo absorve a realidade e a representação que constrói do mundo.

Essa teoria gerou duas interpretações, uma considerada mais *forte* e outra mais *fraca*: segundo a interpretação mais *forte*, existe, na teoria, um determinismo linguístico em

que as estruturas da língua impõem uma forma de pensar e ver o mundo; já para a interpretação mais *fraca*, não há um determinismo, mas sim uma relatividade linguística, ou seja, a língua e a cultura são capazes de relativizar o pensamento.

Fato é que por trás do princípio do relativismo linguístico, existe uma importante relação entre linguagem, pensamento e cultura. Essa relação é de tal modo inegável que em algumas teorias da cultura, a linguagem desempenha um papel decisivo.

Duranti (1997) expõe seis dessas teorias:

i) A cultura como algo diferente da natureza.

De acordo com Duranti (1997, p. 50), a ideia de uma oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por Franz Boas, influenciado pela filosofia de Kant, de que o ser humano existe devido a seu espírito livre e não às leis naturais que governam a fisiologia humana.

Dentro dessa perspectiva, a linguagem faz parte da cultura. Mais especificamente, as linguagens servem para categorizar o mundo natural e cultural. As linguagens são valiosos sistemas de classificação (taxonomias) que podem aportar indícios inestimáveis sobre as crenças e práticas culturais. Esses sistemas de classificação são arbitrários, pois de outro modo, como se poderiam explicar as diferenças entre os vocabulários e os campos semânticos de línguas distintas?² (Tradução nossa).

ii) A cultura como conhecimento.

Se a cultura se apreende, então podemos pensar uma grande parcela sua enquanto conhecimento de mundo. Concebê-la como conhecimento não significa somente que os membros de uma cultura devam saber certos fatos ou sejam capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Significa também que devem compartilhar certos modelos de pensamento, modos de compreender o mundo, de fazer inferências e previsões³ (Tradução nossa).

² Desde esta perspectiva, el lenguaje forma parte de la cultura. Más específicamente, los lenguajes sirven para categorizar el mundo natural y cultural. Son valiosos sistemas de clasificación (taxonomias) que pueden aportar inestimables indicios sobre las creencias y prácticas culturales. Estos sistemas de clasificación son arbitrarios, pues de otro modo, cómo podrían explicarse la diferencias entre los vocabularios y los campos semánticos de las distintas lenguas? (DURANTI, 1997, p. 50-51)

³ Si la cultura se aprende, entonces un gran parte de ella puede pensarse em términos de conocimiento del mundo. Esto nos significa solamente que los miembros de una cultura deban saber ciertos hechos o ser

Nessa perspectiva, conhecer uma cultura se assemelha a conhecer uma linguagem, visto que ambas são realizações mentais, e, principalmente, descrever uma cultura é como descrever uma linguagem. O objetivo das descrições etnográficas é descrever a “gramática cultural” dos povos (DURANTI, 1997, p. 53).

iii) A cultura como comunicação.

A teoria semiótica da cultura sustenta que essa é um sistema de signos; “uma representação do mundo, um modo de se dar sentido a realidade objetivizando-a em histórias, mitos, descrições, teorias, provérbios, produtos artísticos e espetáculos” (DURANTI, 1997, p. 60).

Um dos seguidores dessa corrente, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, “sustenta que a mente humana é a mesma em todos os lugares e as culturas são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas abstratas do pensamento, que todos os seres humanos compartilham e adaptam às suas respectivas condições de vida”⁴ (DURANTI, 1997, p. 60, tradução nossa).

iv) A cultura como um sistema de mediação.

Falar da linguagem como uma atividade de mediação significa falar da linguagem como uma ferramenta tanto para reproduzir quanto para mudar a realidade. Essa teoria aproxima-se da teoria da linguagem como atos de fala. Em ambos os casos a linguagem é um instrumento de ação, conceito que segundo Duranti (1997, p. 72), aproxima-se bastante do de Sapir: “una amplia variedad de actos son lenguaje em sentido estricto, esto es, no tienen importancia para nosotros debido a la función inmediata que realizan, sino porque sirven de signos de mediación para realizar actos más importantes”.

v) A cultura como sistema de práticas.

Essa noção surgiu com o movimento intelectual do pós-estruturalismo, no qual Duranti (1997) destaca as contribuições de Bourdieu.

capaces de reconocer objetos, lugares y personas. También significa que deben compartir ciertos modelos de pensamiento, modos de entender el mundo, de hacer inferencias y predicciones. (DURANTI, 1997, p. 52)

⁴ Lévi-Strauss parte del supuesto de que la mente humana es la misma em todos los lugares, y de que las culturas son aplicaciones distintas de las mismas propiedades lógicas abstractas del pensamiento, que todos los seres humanos comparten y adaptan a sus respectivas condiciones de vida.

Um certo enunciado linguístico pode realizar uma ação somente na medida em que há um sistema de disposições, a que Bordieu (apud DURANTI, 1997, p. 76) denomina *habitus*, compartilhado por uma comunidade. Esses sistemas, cujos atos de fala reproduzem diariamente as instituições como a escola, família, local de trabalho, as quais atribuem e gerenciam seus significados, não se estabelecem somente para excluir os demais, mas também para manter aqueles que estão dentro delas sob seu controle, para assegurar-se que os atos que realizam e os significados que atribuem a tais atos permanecem dentro de um marco aceitável.

vi) A cultura como um sistema de participação.

A ideia da cultura como um sistema de participação se relaciona com a cultura como um sistema de práticas, e se baseia no pressuposto de que a comunicação verbal, como qualquer ação no mundo, é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Essa noção de cultura é particularmente útil para observar o funcionamento da linguagem no mundo real, porque usar uma língua significa poder participar em interações com um mundo que é sempre maior que os habitantes e uma dada situação. As palavras levam em si mesmas centenas de possibilidades para nos conectarmos com outros seres humanos, outras situações, acontecimentos, atos, crenças e sentimentos. Isso se deve a capacidade que a linguagem tem para descrever o mundo, assim como para conectarmos com outros habitantes, objetos, lugares e épocas, reafirmando em cada momento uma dimensão sociohistórica frente a outras da ação humana. Assim, pois, a dêixis da linguagem faz parte da constituição de qualquer ato de fala como ato de participação em uma comunidade de falantes de uma língua⁵ (Tradução nossa).

Duranti (1997) destaca que, se por um lado cada teoria supõe um plano de investigação próprio, todas juntas formam um arcabouço para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, produto e instrumento da cultura.

⁵ La idea de la cultura como un sistema de participación se relaciona con la cultura como un sistema de prácticas, y se basa en el supuesto de que la comunicación verbal, como cualquier acción en el mundo, es de naturaleza inherentemente social, colectiva y participativa. Esta noción de la cultura es particularmente útil para observar el funcionamiento del lenguaje en el mundo real, porque usar una lengua significa poder participar en interacciones con un mundo que es siempre más grande que nosotros, hablantes individuales, e incluso más grande que lo que podemos ver y tocar en una situación dada. Las palabras llevan en si mismas cientos de posibilidades para conectarnos con otros seres humanos, otras situaciones, acontecimientos, actos, creencias y sentimientos. Esto se debe a la capacidad que tiene el lenguaje para describir el mundo, así como para conectarnos con SUS habitantes, objetos, lugares y períodos, reafirmando en cada momento una dimensión sociohistórica frente a otras de la acción humana. Así, pues, la dêixis del lenguaje forma parte de la constitución de cualquier acto de habla como acto de participación en una comunidad de hablantes de una lengua. (DURANTI, 1997, p. 76)

1.2 Lexicologia

A Lexicologia pode ser definida como o ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Sua definição, sua legitimidade como ciência e sua área de abrangência foram bastante questionadas entre os estudiosos, visto que o léxico, por ser um sistema aberto e em expansão, é uma área difícil de receber uma abordagem sistêmica e ser formalizado em regras.

Para Biderman (1981) a Lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos e tem uma ligação com a semântica. Costuma ser definida como “*a ciência do léxico duma língua*” e estuda o relacionamento das palavras com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Dessa forma, é preciso entender o léxico também como o conjunto de vocábulos que cada indivíduo retém na memória e que possibilita a transmissão de pensamentos, idéias, desejos, emoções, a cada ato de fala. Biderman (1978, p. 81) considera que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras.” Aliás, em torno do conceito de palavra existem definições adversas, terminologias e tendências, quanto à sua concepção e uso. Biderman (1978, p. 73), diz que “a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante”.

Vilela (1979, p. 17) considera ser a palavra o elemento significativo que constitui o sistema basilar da língua. Reconhece as várias acepções dadas, e considera o lexema como a principal unidade do léxico e esclarece: “Se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe”.

Segundo Coseriu (1977), o objeto de estudo dessa ciência é a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade. O linguista Coseriu (1980), através de seus estudos, substitui o vocábulo Lexicologia por Lexemática. Para ele, a significação lexical – objeto da Lexemática – parte como conteúdo das palavras lexicais e distingue-se de outros tipos de significado, tendo um valor de existência presente nas frases.

Considerando Matoré (1953), lexicólogo francês, a Lexicologia é uma disciplina sociológica que se utiliza das palavras como material linguístico; essa possui um caráter interdisciplinar, onde o nível lexical é o menor de todos os níveis da língua, dada a necessidade de recorrer sempre a elementos extralinguísticos no processo de explicação do significado de determinadas lexias.

Lexicologia é também o estudo dos mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, o que não significa que se deva deixar de valorizar a dimensão social na análise da significação; pelo contrário, dá-se pela a recuperação de pontos relacionados ao contexto externo que influenciam a definição do significado.

O estudo do léxico possui uma grande tradição. Já na Linguística Românica, entre os séculos XIX e XX, assinala-se a produção de trabalhos em três áreas da Lexicologia, evidenciando a relação entre léxico e cultura: i) a Semântica Evolutiva ou História das Palavras; ii) o domínio conhecido como de “Palavras e Coisas”; iii) a Geografia Linguística.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, com a Teoria da Informação, a Lexicologia sofreu um grande impulso teórico, pois foram produzidos trabalhos e pesquisas relacionados a estudos quantitativos e probabilísticos em torno do léxico. Surgia a preocupação de estudiosos e pesquisadores quanto à definição do objetivo da Lexicologia.

O estudo lexicológico moderno parte da noção da palavra como unidade de significação formada por elementos foneticamente articulados e inseparáveis, com possibilidades de comutação em vários níveis.

Considerando-se a estreita relação entre história da língua e história de um grupo social, o léxico de uma língua simboliza, sobretudo, um patrimônio cultural, pois o universo vocabular de um grupo sintetiza a maneira e a forma com que seus membros estruturaram o mundo que os rodeia e designaram as diferentes esferas do conhecimento. Isto porque “o universo conceitual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema de categorias léxicas. As palavras geradas por tal sistema são chamadas rótulos, através dos quais o homem interage com seu meio” (BIDERMAN, 1978, p. 82).

2. Métodos e Procedimentos

2.1 Pesquisa de campo

Seguindo a metodologia laboviana (LABOV, 2008), fomos a campo, partimos do presente, observando os dados de língua falada coletados em entrevistas gravadas com dez pescadores da Raposa.

Participamos de conversas com grupos de pescadores, interagindo com os mesmos em suas residências e nos locais de saídas das embarcações para a pesca, a fim de nos familiarizarmos com todos os entrevistados, seguindo a conduta da antropologia linguística, conforme Duranti (1997).

As entrevistas, principal instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, transcorreram mediante conversas em clima informal. Conversamos sobre a chegada dos pescadores na Raposa, as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, aspectos da alimentação, habitação, organização social, costumes, crenças e sobre a pesca propriamente dita, não apenas no que diz respeito ao seu funcionamento, como também buscando perceber os sentimentos do pescador em relação à sua profissão.

Após a conclusão da coleta de dados iniciamos as transcrições ortográficas, seguindo o que Andrade (1993, p. 21) aponta como o principal critério da transcrição: “a fidelidade ao discurso do informante, procurando-se registrar ortograficamente, da forma mais aproximada possível, as realizações de cada falante”.

Em seguida, pesquisamos em dicionários contemporâneos e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência ou não da forma coletada para que, em caso da lexia ser dicionarizada, observarmos seu registro, ao longo do tempo, em várias obras especializadas.

Para sistematização dos dados coletados, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia, nas quais devem constar: o vocábulo selecionado para análise classificado gramaticalmente, segundo o contexto em que se encontra inserido, uma amostra contextualizada da lexia em estudo e dados referentes a dicionarização ou não do vocábulo e a possíveis arcaísmos ou brasileirismos.

. Para a constituição dessa ficha, seguiremos o modelo adotado por Ribeiro (2010). Segue abaixo um exemplo de ficha da nossa pesquisa:

3. ÁGUAS DE QUEBRAMENTO Ncf [Spl + (prep + Ssing)] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: AH...as águas vão... e essas maré de quarto como é que...?

INF. 1: maré de quebramento, as águas de quebramento... (Ent. 6, linhas 102, 103)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples água. Não registram esta forma composta.

O passo seguinte foi a seleção das lexias consideradas relevantes para integrarem os campos léxico-semânticos, considerando-se as que melhor refletem a cultura das pessoas da região e a listagem, em ordem alfabética, daquelas que subsidiaram a organização do glossário.

Para a elaboração do glossário, tomamos como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia, dentre eles, Haensch (1982) e Barbosa (1995).

2.2 Macro e microestrutura do Glossário

2.2.1 A macroestrutura

A constituição do *corpus* desta pesquisa resultou de uma compilação das lexias encontradas nas 10 entrevistas orais realizadas na Raposa.

O conjunto de entradas foi organizado em ordem alfabética, seguindo a metodologia adotada durante as transcrições, a fim de facilitar a consulta. Primeiramente, de acordo com o método onomasiológico, apresentamos as lexias agrupadas em redes semânticas afins.

Segundo Haensch et al. (1982, p. 165), a ideia fundamental da agrupação onomasiológica é a de se levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto do ponto de vista da língua como o das coisas.

Em um segundo momento, seguindo o método semasiológico, partimos da palavra para sua significação.

2.2.2 A microestrutura

A elaboração da microestrutura do nosso glossário seguiu o seguinte modelo:

Forma do Verbetes

Lexia - (<i>dicionarizada</i>) • <i>Estrutura Morfológica</i> • <i>Origem</i> • <i>Definição</i> • <i>Abonação</i> .
--

Nessa disposição, valemo-nos das informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos itens *Lexia*, *Registro em dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem e Abonação*. Introduzimos, ainda, a *Definição* para cada lexia. Segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado de nosso glossário:

AGUACERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Chuva forte, normalmente acompanhada de muito vento. • *Aguacero é muito vento... também agita o má..* (Ent. 2, linha 575).

3. Análise dos dados

Dentre os dez itens quantificados e analisados em nossa dissertação, fizemos um recorte, o qual segue abaixo.

3.1 Quanto à origem

No que se refere à origem das lexias, conforme se pode observar no GRAF. 7, a seguir, a região pesquisada apresenta 131 ocorrências, ou 52,4 % de lexias de origem latina > portuguesa. As de origem tupi somaram 21 ocorrências, representando 8,4% do total de lexias analisadas, assim como as híbridas. As de origem controversa somaram 6, o que corresponde a 2,4%. As de origem obscura 5, ou seja, 2%. As lexias de origem francesa e céltica somaram 4 ocorrências, correspondente a 1,6%. Lexias de origem grega, germânica, latina > castelhana, castelhana, de origem grega > latina > portuguesa e de origem incerta ocorreram 3 vezes em nosso *corpus*, o que corresponde a 0,12%. Lexias de origem árabe > castelhana somaram 2 ocorrências, correspondendo a 0,8% do total. As de origem latina > italiana; latina > genovesa > castelhana; latina > espanhola; inglesa > castelhana; aruaque > castelhana; assim como as de provável origem castelhana, provençal, espanhola, sânscrita, árabe; de origem desconhecida e de origem onomatopaica ocorreram somente 1 vez, o que representa 0,4 % do total das lexias dicionarizadas.

Um total de 26 lexias não tiveram sua origem encontrada, correspondente a 10,4% do total.

Podemos visualizar estes dados no gráfico a seguir:

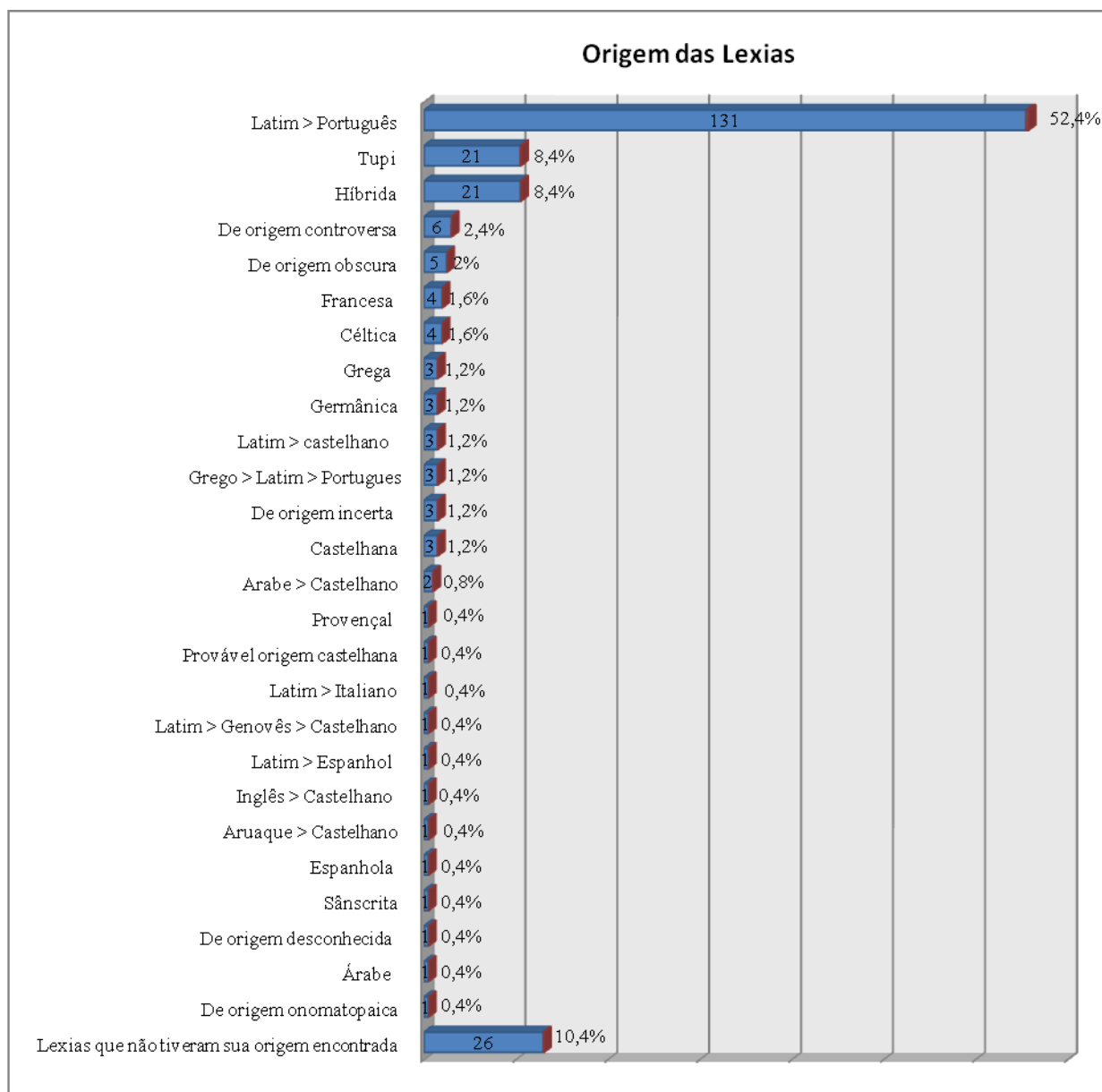


GRÁFICO 7 – Origem das lexias

3.1.1 Brasileirismos

Aurélio Séc. XXI define um número significativo de lexias presentes nas fichas como brasileirismo. Oliveira (2001, p. 96) classifica como brasileirismo “todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”. Assim, para essa autora, enquadram-se como

brasileirismos as seguintes categorias: os indigenismos, os africanismos, os brasileirismos semânticos, as formações e derivações brasileiras de base vernácula ou de base híbrida e as lexias de origem expressiva próprias dos brasileiros. O vocábulo indigenismo, usado por Oliveira, se refere ao repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o português do Brasil. De forma semelhante, a lexia africanismo se refere ao conjunto dos vocábulos oriundos dos diversos falares africanos que também contribuíram para o português do Brasil.

Após a análise das 250 lexias, encontramos 45 lexias classificadas como brasileirismos no Aurélio Séc. XXI: aratu, banderado, boia, cambéu, canoero, carapeba, casquinha, chiqueiro, curral, deflorar, dispescar, embarcação, emborcar, espeque, espia, estera, garité, gelero, igarapé, jangada, maçarico, manzuá, maria-farinha, mero, montaria, morao, murici, rabo de tatu, rancharia, rancho, refugar, remanso, sala, sarnambi, seco, serra, siri, sururu, tainhera, tarioba, tenência, traíra, vaqueiro, visagem, xaréu.

O gráfico a seguir mostra o percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas:

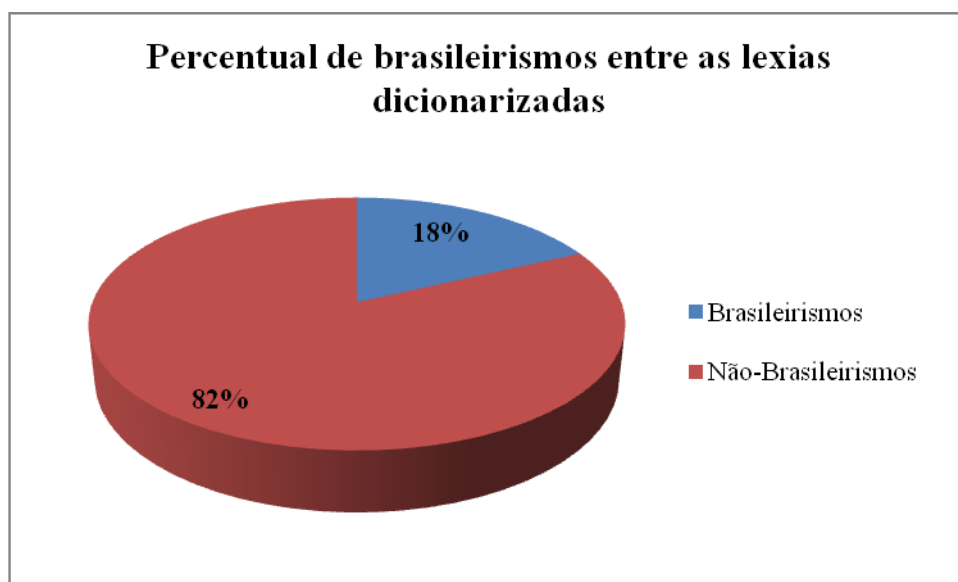


GRÁFICO 8 – Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas

3.2 Quanto ao número de ocorrências das lexias

Nesta seção, apontamos aquelas lexias que tiveram um número de ocorrências expressivo – são 48 lexias que ocorreram entre 05 e 158 vezes, o que corresponde a 18,8% do total:

QUADRO 1 – Lexias que ocorreram entre 5 e 158 vezes

Nº ocorrências	Lexias
5	guaravira, mar cavado, murici, pitui, serra,
6	anaufragar, camarão, gó, João de una, maré de quarto, pescadinha, pescadinha gó, proa, sajuba, vezero
7	berada, espinhel, pescada, pituzera, popa
8	canoa, embarcação, malha, marisia, salinha
9	marisquera, maré, sala grande
10	anzol, caranguejo, rancho, visage
11	pescadera, sururu
12	entralhar, sarnambi, siri
13	biana, pinhada, serrera
21	Gozera
26	Puçá
63	curral, curralzinho
117	Rede
158	Pexe

Observamos que todas as lexias acima, que ocorreram em um número expressivo, estão relacionadas à pesca. Considerando que, como explicitado nos procedimentos metodológicos, as entrevistas não seguiam um roteiro fechado e os entrevistados tinham liberdade para conversar sobre diversos assuntos, como vida familiar, costumes, etc, esses dados podem indicar a importância que a pesca e tudo o que a envolve representa para o pescador.

3.3 Quanto à dicionarização das lexias

Ao analisar as fichas lexicográficas, encontramos diversos vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, representando 21,6% do total, ao passo que 78,4% de lexias foram encontradas em pelo menos um desses dicionários. Cabe ainda salientar que aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não dicionarizadas.

3.3.1 Lexias não-dicionarizadas relacionadas à pesca

No caso de uma língua especial - um vocabulário regional - como a da pesca, apesar de haver pontos comuns entre as comunidades pesqueiras que se refletem no vocabulário inter-regional, inerente ao âmbito social/corporativo restrito em que é utilizada, há, por outro lado, um contexto específico a cada uma delas e que decorre dos fatores naturais que condicionam a pesca.

A uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Por essas razões, como a pesquisa aqui apresentada é resultado de “conversas” com pescadores, que vivenciam, em seu cotidiano, a pesca, achamos procedente verificar, dentre as lexias não dicionarizadas, quantas têm relação com esse universo.

O gráfico abaixo ilustra essa averiguação:

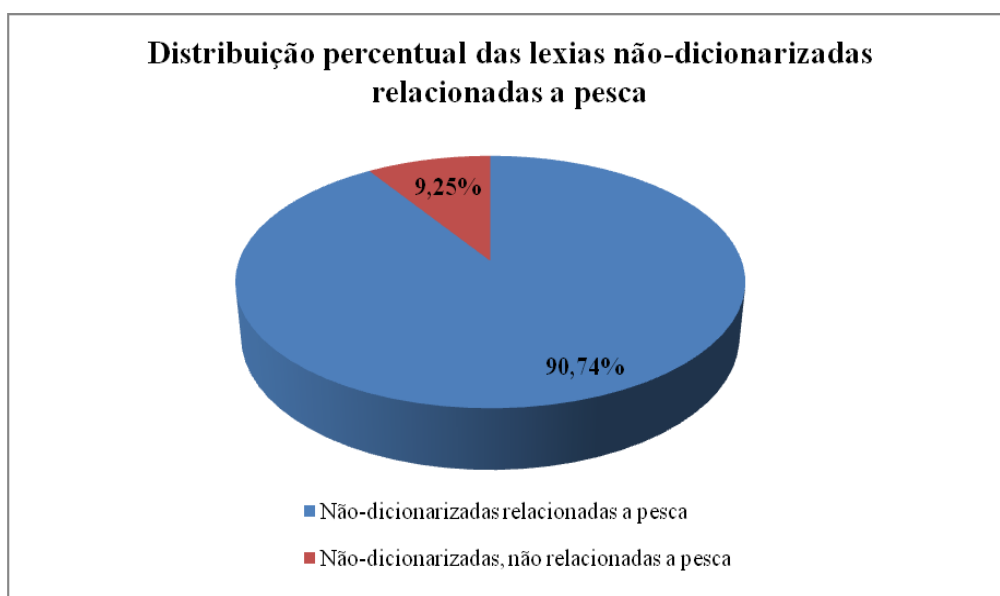


GRÁFICO 3 – Distribuição percentual das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca

Como podemos observar no gráfico 5, de um total de 54 lexias não-dicionarizadas, 90,74% relacionam-se a pesca, o que corresponde a 49 lexias, enquanto que apenas 5 lexias não têm relação direta com a pesca, o que corresponde a 9,25% do total das lexias não-dicionarizadas. Quando falamos em *relação direta*, estamos nos remetendo aos vocábulos específicos da pesca. O que nos chamou a atenção nesses dados foi que, mesmo entre os vocábulos por nós não classificados como não relacionados à pesca, 3 deles, João de Una, Gato de Botas e visage, têm relação com as lendas dos pescadores; ou seja, não se relacionam com a pesca especificamente, mas com um elemento presente na cultura dos pescadores: a contação de histórias.

Esse alto percentual de lexias não dicionarizadas que estão relacionadas à pesca, pode sugerir a grande capacidade criativa dos pescadores ao nomearem os instrumentos de suas atividades, assim como os fenômenos da natureza. Para que visualizemos esses dados com mais clareza, no próximo item abordaremos as lexias não dicionarizadas por classificação gramatical.

4. Glossário

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as dez entrevistas que constituem o *corpus* desta dissertação. Divide-se em duas partes:

1. Quadro geral de classificação: seção em que sugerimos uma estrutura geral a partir das relações existentes entre grupos de palavras, ou seja, coleta das lexias afins, unidas por rede semântica – baseia-se no critério onomasiológico.

A seguir, um exemplo da rede semântica da lexia pesca:

PESCA

- **Produtos**

Objetos/Materiais/instrumentos usados na pesca de redes

Bitola, boia, corpo da agulha, linha, malha, rabo de tatu, rede.
--

Objetos/Materiais /instrumentos usados na pesca de anzol

Anzol, anzol de impum, anzol estrovado, cabo, cabo seis, espinhel, impum, isca.

Objetos/Materiais /instrumentos usados na pesca de armadilhas

Alandruá, cinto, culão, espeque, estera, morão, muruada, puçá, trado.

• Tipos de pesca

Pesca com armadilha

Curral, curralzinho, manzuá, pesca de curral, pescaria de curral.

→Pesca com armadilha: Curral - Partes do curral

Boca do corral, chiquero, espia, gaiolona, sala, sala grande, salinha, testera de chiquero.

Pesca de linha

Pescar de anzol, pescaria de linha.

Pesca de rede

Pesca de camarão, pesca de redinha, rede de puçá, pescar de arrastão, pescaria costera

→Tipos de redes

Camaroera, carumipinzera, gozera, pescadera, pitiuzera, sajubera, serralhera, serrera, sessenta, tainhera, zero quarenta.

Pesca manual

Pesca de siri, pescaria de caranguejo.

2. Glossário: parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocabulário pelo critério semasiológico.

Apresentaremos, a título de exemplificação, um recorte da primeira página do glossário presente na dissertação.

A

AGUACERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Chuva forte, normalmente acompanhada de muito vento. • *Aguacero é muito vento... também agita o má..* (Ent. 2, linha 575).

ÁGUAS GRANDE • (n/d) • NCf [Spl + Adjsing] • Latim > Português • Marés mais altas, que ocorrem em período de lua nova e de lua cheia. • *Pra perto do Ceará tem as maré melhó....se tem as maré maió...o pescadô quando tem as água grande, ele vai esperá das água pro peixe miorá....* (Ent. 8, linhas 107, 108).

ÁGUAS DE QUEBRAMENTO • (n/d) • NCf [Spl + (prep + Ssing)] • Latim > Português • Marés que ocorrem entre as luas nova e quarto crescente, entre as luas cheia e quarto minguante. • *PESQ.: ...e essas maré de quarto como é que? INF. 1: maré de quebramento, as águas de quebramento...* (Ent. 6, linhas 102, 103).

ÁGUAS DE LANÇAMENTO • (n/d) NCf [Spl + (prep + Ssing)] • Latim > Português • (n/e) • Marés que ocorrem entre as luas quarto crescente e cheia e entre as luas quarto minguante e nova; ondas que crescem em amplitude à medida que se aproximam às marés de lua cheia ou nova. • *Porque essas águas de lançamento, que são as águas grandes já... águas de agosto, setembro, se alavancando de água...* (Ent. 6, linhas 125, 126).

Considerações finais

Apesar de nomear um mundo que está em constante evolução, as palavras permitem que sociedades semelhantes, mesmo que em locais distintos, mantenham língua e cultura com muitas características similares. No caso dos pescadores, se por um lado há uma uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões, isso não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Após análise dos dados, constatou-se a existência de um vocabulário regional no qual os termos referentes à pesca têm grande destaque e são evidentes as influências das marcas da estrutura sociocultural da região do Ceará onde se situa Acaraú.

Constatamos ainda, por meio dos neologismos ocorridos, a grande capacidade criativa dos informantes.

Referências

- ANDRADE, M.A. *Linguagem e cultura dos pescadores de Iguape*. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BIDERMAN, M. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filosofia e linguística*. São Paulo: Ed. T.A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p.131-145.
- _____. *Teoria linguística: linguística brasileira e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- _____. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.
- DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.
- MATORE, G. *La éthode en lexicologie*. Paris: Ed. Marcel Didier, 1953.
- OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 8. ed. São Paulo: Edusp, 1997.
- RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

Artigo recebido em maio de 2013.

Aceito em julho de 2013.